

A morte do Presidente

Biografia política de Tancredo será contada em livro pela sobrinha

São João del Rei (MG) — A professora de História da Universidade Federal de Minas Gerais, Lucília de Almeida Neves Delgado, tem uma certeza: “o regime militar consumiu os melhores anos políticos da vida de Tancredo Neves, calando sua voz e inteligência, obrigando-o ao silêncio e retardando seu amadurecimento como líder civil do país”.

Filha do General Roberto de Almeida Neves, já falecido, e posto na reserva em 1964, Lucília é sobrinha de Tancredo. Ela decidiu antecipar, para este ano, a publicação de livro que tinha planejado como grande biografia política do tio. Seriam dois volumes: um, narrando a trajetória política de Tancredo, desde seu aprendizado político em São João del Rei, e até 1964; e o segundo, com fatos sobre o Presidente morto, de 64 até a sua eleição no Colégio Eleitoral. Agora, o livro terá um único volume e vai até a morte de Tancredo.

As conversas

Vera Alice Cardoso Silva, professora de Ciências Políticas da UFMG, também participou do trabalho inicial de coleta de dados e informações sobre a vida política de Tancredo. Lucília revelou que ela e Vera tinham programado umas 40 horas de gravação com o Presidente. Chegaram a registrar quase 16 horas. A maior parte do trabalho foi realizado no Palácio das Mangabeiras, em Belo Horizonte, ao tempo em que Tancredo era o Governador de Minas.

Para fechar o ciclo que ia do nascimento político de Tancredo, como vereador em São João del Rei, até 1964, Lucília disse que só faltavam duas ou três horas de conversa. As gravações no Palácio residencial do Governador de Minas eram feitas sempre nas manhãs de domingo. Tancredo havia prometido à sobrinha, para a segunda parte do livro, revelações que só desejava ver publicadas depois da sua morte.

— Tenho convicção — disse a sobrinha do Presidente morto — que a nossa geração foi lesada pelo regime militar. Crescemos sob o silêncio, aprendemos a ter medo das pessoas e das autoridades. Para nós, cultuar símbolos da pátria era cultuar um regime que não nos agradava, porque os militares faziam das coisas da pátria um símbolo do autoritarismo. Tancredo, como vimos na campanha das diretas e na sua campanha para o Colégio Eleitoral e agora na sua morte, devolveu o verdadeiro valor aos símbolos da nação.